A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

As touradas—A *Marselheza* no Colyseu—Musica e politica—Foi-se a companhia de Zarzuela—Um caso tragico, e um drama que podia desandar em tragedia—Ainda o cholera—Uma rainha canonisada—O Papa e os anarchistas—O rei de Hespanha e um futuro herdeiro possivel da coroa hespanhola.

A semana iniciou-se para nós dando-nos as commoções d'uma bella tourada em beneficio do Peixinho, e fazendo-nos ouvir os

NO PARQUE HA CEM ANNOS (Quadro de J. F. Henninga)

accordes marciaes e vibrantes da *Marselheza*, no Colyseu dos Recreios.

Por mais que digam, as touradas hão de ser sempre a grande attracção d'esta boa gente de Lisboa.

Quando, ao sabbado, o bando serpenteia, vagaroso e pachorrento, pelas ruas da capital, vomitando fifias implacaveis dos seus cornetins roufenhos, e fazendo reclamo á corrida domingueira com o relinchar monotono das suas esqualidas alimarias, o povo agita-se em fortes expansões de jubilo, os merceeiros pacatos alastram-se pelas portas das tendas, com fremitos de espontaneo enthusiasmo.

Indifferente e apathico por indole, o nosso honrado burguez pode ficar a dormir em casa, quando o paiz lhe pede o suffragio ou nos *meetings* se alevanta o verbo audacioso de qualquer tribuno ultra-patriota. A politica não o fascina; a causa publica não o commove; o estado das finanças, bom ou mau, não o sobresalta. Só os toiros lhe accendem nos olhos faiscações de estranha alegria; só um ferro bem mettido *á meia volta*, pelo Tinoco, é susceptivel de o arrancar ás indolencias chronicas do seu marasmo rebelde.

Ha por ahi muita gente que nunca vio um só dos membros do governo ou dos nossos mais imminentes homens politicos; que tem vivido uma larga existencia sem ir a S. Carlos; que não conhece os melhores artistas dos primeiros theatros de declamação. Mas o que não ha—juramol-o—é quem não conheça o Calabaça e os irmãos Robertos, quem não saiba explicar-nos, com todas as minucias, como é que se faz uma sorte de gaiola a preceito.

As touradas!...

Levem-nos o exercito e a marinha, deem cabo da nossa autonomia, espatifem as colonias, mas deixem-nos as grandes commoções d'uma tourada, consintam que os nossos nervos franzinos e efeminados se avigorem na contemplação d'essas luctas titanicas entre a besta e o homem.

Não se reveja a Constituição nem se reforme a milicia, mas haja bom gado e vivam os bandarilheiros!

*

Nos Recreios, a *Marselheza* era annunciada pelos alviçareiros do escandalo como uma fonte uberrima de scenas tumultuosas. Afinal, não passou d'um formoso *spartito* ouvido com agrado por todos quantos gostam de boa musica e entendem que a politica nada tem que ver com as producções lyricas de cada qual.

E de resto, se o enthusiasmo pelo canto patriotico de Rouget de l'Isle, que borda um dos actos da notavel zarzuela com os seus famosos compassos, podesse estontear alguem, se o «*marchemos hijos de la patria*» fosse susceptivel de embriagar até ao delirio os frequentadores do Colyseu, lá estavam as frescas brisas da Explanada para servir de calmante ás ardencias da febre e de refrigerio ás calenturas do arrebatamento.

=Em seguida á *Marselheza* deram-nos os hespanhoes a bonita zarzuela de Carrion e Fernandez Caballero, *Duas Princezas*, constellada de bellos coros, de valsas langorosas e de concertantes soberbos. Depois, levantaram inopinadamente barracas, e foram-se, sem dizer:—agua vae!

Porque nos deixariam elles?

*

Pelo decorrer da semana houve calmaria pôdre de successos. A *reportage* falla-nos, apenas, d'um desgraçado que procurou voluntariamente a morte, enforcando-se, e d'um drama d'amor, que teve o seu epilogo tristonho no commissariado de policia.

O misero suicida era negociante d'azeite na travessa da Palha. Como lhe fosse escasseando o dinheiro e o genero do seu commercio á proporção que o numero dos filhos crescia, produzio-se um desequilibrio nas finanças do infeliz, e este desequilibrio arrastou-o á situação desesperada de ter de experimentar, sobre os tecidos flaccidos do pescoço, os effeitos lethaes d'uma gravata de corda rija.

Agora, a viuva que esmole e os filhos que desandem em vadios. O egoismo d'estes dementados suicidas não cuida de taes bagatellas.

=No drama d'amor a que nos referimos figuram, como personagens, uma illustre fidalga sevilhana, viuva de trinta annos,—a marqueza de P...,—sua filha Carmen, gentilissima criança de quatorze primaveras, formosa como as alvoradas d'abril, e Abelardo Belaguez, picador de profissão.

A marqueza vio um dia Abelardo, em Sevilha, montando garbosamente o seu fogoso ginete. A setta do amor espicaçou-a; o picador foi amado desde logo, e os pergaminhos da fidalga, enxovalhados por esta paixão peccaminosa, arremessaram-se para um canto, como roupa suja.

A chronica não acompanhará os dois namorados nos seus idyllios romanescos de pouca dura, para ir direita ao epilogo do drama.

Decorreram tempos. O bello Abelardo, enfastiado do seu papel de Adonis, começou a fustigar a desventurada amante, como fustigava os cavallos, desbaratando-lhe, por cima d'isto, a fortuna.

De Sevilha, onde a ligação hybrida dos dois era um verdadeiro escandalo, passaram a uma terra do Algarve e d'ali a Lisboa, trazendo comsigo a gentil Carmen.

Alojaram-se os tres no hotel Camões, inculcando-se o aventureiro picador como marquez de P... Ali, a pobre marqueza era todos os dias alvo das brutalidades do amante, e como se isto não bastasse, a formosa Carmen esteve, por varias vezes, para ser victima de brutalidades ainda maiores. Um infame este garboso Abelardo, e uma verdadeira infeliz a nobre fidalga sevilhana que prendeu o seu destino ao d'elle!

Deus louvado, a criança sahiu incolume das vis tentativas do monstro, e vae ser posta ao abrigo dos perniciosos exemplos maternos. Abelardo vocifera no Limoeiro, onde as nossas justiças lhe ordenaram que fosse enfrear a torpe sensualidade; e a marqueza... quem sabe de que será ainda capaz o amor d'essa desgraçada pelo bandido que a arrastou na lama?

*
* *

Em Toulon e Marselha, o cholera continua a fazer as suas devastadoras experiencias *in anima vili*.

Em Paris conta-se que já houve um caso, em Lyon outro, na Italia, varios. Os parisienses andam aterrados; os italianos hypochondriacos; os nossos visinhos de Hespanha assustadiços, e nós, por mais d'uma rasão, imitamos uns e outros na hypochondria e nos receios.

Em todo o caso—a despeito dos seus medos e contra o parecer da Sociedade de medicina publica e de hygiene profissional de Paris,—o povo francez não deixa de realisar, com descantes e folias, a festa tradiccional de 14 de julho, tendo, como tem, a guerra no Tonkin e na China, a peste e a ruina em Toulon, o terror em Marselha, a inquietação na capital da Republica, por toda a parte flagello sobre flagello.

Os italianos divertem-se como podem.

Os hespanhoes entregam-se ás delicias das suas touradas e ao amor ardentissimo das suas esplendidas mulheres.

Nós mesmos, apesar de todos os pesares, cá vamos tratando de levar uma existencia amena e divertida quanto possivel, emquanto o cholera não nos invade a fronteira.

*

Em Roma, Leão XIII preside solemnemente á *Congregação dos Ritos*, no seio da qual vae resolver-se se deve ser ou não canonisada a virtuosa rainha das Duas-Sicilias, Maria Christina de Saboia, filha de Victor-Emmanuel I.

A Cidade Eterna, que inscreveu outr'ora um simples mendigo no livro dos Santos, prepara-se hoje, com a vagarosidade e a reflexão caracteristicas das suas deliberações mais graves, para collocar uma Rainha sobre os altares da Egreja.

Se o processo, iniciado pela respeitavel commissão cardinalicia com todas as formalidades lithurgicas, fôr resolvido segundo os votos da piedade italiana, ver-se-ha um espectaculo singular:—o Papa, espoliado pela Casa de Saboia, enriquecer com uma perola resplandecente a corôa de Saboia!

=Annunciam-nos as folhas estrangeiras que chegou a Roma, com o proposito irreverentissimo de fazer saltar o Vaticano, um bando formidavel de anarchistas demolidores. Ao mesmo tempo em que esta lugubre noticia se espalha pelo orbe catholico, as gazetas d'Italia communicam-nos, muito em boa paz, que Leão XIII vae dar á côrte pontifical o seu antigo esplendor, tendo já ordenado que os guardas-nobres fizessem uso dos seus bellos uniformes d'outras eras e exhibissem de novo as suas vistosas tunicas azues, talhadas segundo os padrões *ancien régime*.

Relacionando estas duas noticias, vemos que Sua Santidade se dispõe a receber, com toda a pompa tradiccional do Vaticano, os ferozes dynamitistas conjurados para lhe arrazarem a sagrada vivenda.

Chama-se a isto saber fazer as honras da casa.

*

Em Hespanha, depois dos fuzilamentos de Gerona, não houve coisa que valha a pena registrar-se.

Varios *sueltos* pessimistas segredam-nos, com uma insistencia aterradora, que o estado de saude do rei D. Affonso não offerece garantias de longa vida. Em compensação, o estado da rainha sua esposa apresenta, pela terceira vez, todos os symptomas de *interessante*.

A ser certo que as esperanças de salvar o monarcha principiam a esvaecer-se, o nascimento d'um herdeiro do throno viria resolver do prompto o difficilimo problema da successão e debellar o germen de graves perturbações futuras, que hão de produzir-se fatalmente, se Affonso XII, como Fernando VII, tiver a desgraça de morrer sem um filho varão a quem legue a corôa.

C. DANTAS.

PERFIS

I

ALEXANDRE DUMAS

Tem hoje um tumulo e uma estatua! O grande homem, que a França perdeu ha quatorze annos, o gigante que projectava a sua vasta sombra na litteratura do mundo inteiro, só pediu ao seu paiz a pobre loisa que lhe abriga o corpo. Alma infantil, espirito estouvado, mãos prodigas, coração de oiro, o romancista immortal, o dramaturgo insigne, cujos romances são lidos em todas as linguas do universo, cujos dramas enthusiasmam todas as platéas, viu cerrarem-se-lhe as portas da Academia, abertas aos Doucet, viu a sua gloria menosprezada, o seu genio calumniado, apedrejada a sua obra immensa, e com tudo isso foi espalhando sempre com mão generosa as perolas do seu espirito, e, quando sentia a morte approximar-se, conscio do seu alto valor, conscio do muito que fizera pela supremacia intellectual da França, humedecia com uma lagrima um dos seus bons sorrisos, e pedia timidamente, quasi envergonhado, em voz baixa, ao seu paiz um tumulo.

Teve-o, e atapetaram-lh'o de grinaldas as mãos dos seus confrades; e o theatro, viuvo do seu genio, fez-lhe a apotheose pela bocca dos seus mais gloriosos interpretes, e só então é que a França viu quanto elle era grande... e bom, que é a consequencia immediata, porque a bondade liga-se com a grandeza, porque os maus são os pequenos, as almas estreitas e covardes, os espiritos rachyticos, os miseraveis que a inveja empallidece e consome.

E a apotheose foi avultando de anno para anno. Com o declinar do seculo foi crescendo a sombra d'aquelle vulto, como crescem as sombras quando o sol declina, e quatorze annos depois a França inteira, pela bocca dos seus escriptores, saúdava a estatua que se erguia para o grande homem, que só começou a obter as homenagens da justiça, quando já não podia sentir nem as amarguras do vituperio, nem as doçuras do applauso.

Como morreu Alexandre Dumas? Quasi que se não sabe! Desappareceu, como Romulo, no meio da procella. Lembram-se da morte de Porthos? de Porthos, essa admiravel creação do poeta, braço robusto, coração leal, espirito ingenuo, tendo a mansidão dos fortes, e a bondade infantil das almas grandes? Morre, como um Titão, esmagado pelas ruinas de um monte. Assim elle tambem, o colosso de genio, quando a França cahia por terra com um immenso fragor, quando a Worth succedia Gravelotte, a Gravelotte Sedan, a Sedan Metz, a Metz Orléans, quando a velha grandeza epica da França desapparecia a pedaços n'um lago de sangue heroicamente derramado como em Weissemburgo, n'um tremedal como em Sedan, quando ao longe vacillava na sua base a bronzea columna Vendôme, Alexandre Dumas cahiu tambem silenciosamente, sem um gemido, esmagado de passagem por esse cataclysmo enorme, enterrado sob as ruinas da patria.

E' que Alexandre Dumas era principalmente a força, a vida, a paixão, a exuberancia, o riso homerico, o orgulho sincero e franco, a espontaneidade e o vicio. Era uma familia de ahtletas: o pae athleta do pulso, elle athleta da palavra. Trabalho vigoroso e appetite robusto! Na sua cabeça ardente fermentava um mundo! O seu pincel carregado de tinta traçava uma multidão de personagens na tela vastissima. Era a vitalidade humana na sua mais energica expressão!

Os seus vultos predilectos na litteratura foram Shakespeare e Homero, na arte Rubens e Miguel Angelo. É que elle pertencia tambem á tribu d'estes leões. Os romances eram as suas paredes da capella Sixtina, os seus muros do Luxemburgo. Desenrolava ali os seus frescos epicos: *Os quarenta e cinco*. *Os tres mosqueteiros*, as *Memorias de um medico*. A historia da França era o marmore onde cinzelava as suas estatuas colossaes. *Vous êtes une des forces de la nature*, dizia-lhe Michelet com rasão, porque elle tinha o que a poucos é dado, a potencia genial, a *vis* creadora. Ao seu sopro vigoroso animavam-se as figuras, desdobrava-se a paizagem, cantavam as torrentes as suas lendas melancholicas, e o drama dos seculos representava-se de novo diante do leitor fascinado

Como vivem da seiva do carvalho os musgos parasitas, do talento d'este gigante vivia um mundo de collaboradores, que vegetaram tristemente quando lhes faltou o tronco protector. Accusavam-n'o por isso, porque pertence aos discipulos uma porção da immensa tela, porque na sua vasta *Iliada* interpolou algum homerida, ufano da tarefa, algum *Catalogo dos navios*, porque elle assignou com o seu nome, e polvilhou com o pó d'oiro do seu genio os quadros de um discipulo, que lhe vinha mendigar á porta, como Julio Romano a Raphael, um raio da sua gloria.

Ninguem herdou o seu imperio, a ninguem legou o segredo do seu genio. Como as mulheres de hoje procuram Antony e só encontram os *petits crevés*, a musa do romance procurou Dumas, e encontrou Ponson du Terrail. *Que voulez vous? Les temps sont durs; il n'y a pas mieux*, podiamos nós dizer-lhe, como Dumas filho no seu *Homme-Femme*. Desappareceu a paixão, a côr, a vida, o drama, ficou apenas a pallidez anemica, a rigidez dos typos, o *truc* e a *ficelle!* O quadro epico sumiu-se, com o colorido á Delacroix, ficou a lithographia vermelha de Epinal.

A Academia fez bem, talvez, em lhe fechar as suas portas. As Academias procuram fixar o que ha de mais variavel, o gosto e a lingua; perante ellas vale mais um periodo arredondado do que a creação de um typo. Estão encarregadas de arregimentar as intelligencias e de determinar os uniformes da litteratura. O que ia lá fazer esse guerrilheiro de genio, esse garibaldino de camisa vermelha, que se chamou Alexandre Dumas? Pois essa larga mão, fecunda e laboriosa, podia lá caber na luva de algodão dos academicos? Pois esse conversador inexgotavel, de palavra fluente, facil, colorida, pittoresca, que encanta o mundo inteiro, deixando manar naturalmente, como um rio que vae reflectindo os raios de oiro do sol, o pallido luar, as pensativas estrellas, a paizagem ridente, e a montanha procellosa, e a legendaria floresta, a sua eloquencia espontanea, que faz da narrativa um quadro de grande mestre, podia lá sujeitar-se a encanar as palavras pelos tubos de um discurso academico? Forcem o Niagara a concorrer com a sua torrente espumosa para os jogos de aguas de Versailles!

A academia não ousou consagrar-lhe a gloria, consagra-lh'a a posteridade. Dumas é um d'estes raros nomes que atravessam os seculos, sempre populares, sempre repetidos com amor pela turba enthusiasmada. E' porque podem notar-lhe mil defeitos, censurar a prodigalidade da sua veia inexhaurivel, a rapidez vertiginosa do trabalho, que não lhe deixou nunca limar as incorrecções do primeiro jacto, mas hão-de todos curvar-se deante do seu genio creador. Ora em litteratura aquelle que, pelo estudo ou pela intuição, penetra tanto nos recessos da alma humana, que surprehende o segredo do Omnipotente, que lhe rouba como Prometheu a scentelha do fogo sagrado, que póde depois com a magia da palavra traçar uma figura, um caracter, em que o leitor reconhece logo, ás vezes inconscientemente, a grande verdade humana, o homem que faz desapparecer deante de nós o mundo da realidade, e, introduzindo-nos no seu mundo ideal, faz com que nos interessemos pela vida e gestos dos seus personagens, como nos interessariamos pelos jubilos e pelas tristezas de creaturas nossas irmãs, esse homem, ou se chame Homero, Shakespeare, Dante, Dumas, Scott, Gœthe, Dickens, seja qual fôr, emfim, o logar em que a critica o colloque, está já, por direito de conquista, no recinto dos eleitos, é da familia dos feiticeiros da arte, dos que teem na sua grande intuição psychologica o magico *grimoire* dos eternos fascinadores do espirito humano, d'esses grandes creadores, que, ao lado da vida historica do mundo, da galeria das gerações, crearam um mundo sublime, que é a patria da nossa phantasia, uma geração ideal, que nos povôa os sonhos.

Ah! como é comico ver os seus esfalfados collaboradores, os seus pifios imitadores julgarem que podem repartir entre si o imperio de Alexandre! Não é o interesse da narrativa, não é o accumular das peripecias extravagantes, que faz d'elle o senhor absoluto do espirito dos leitores; é a potencia creadora. E Ponson, e Montépin, e Capendu, e Maquet a forjarem enredos, pobres loucos, esfregando as suas lampadas, porque viram o mestre esfregar tambem a sua para lhe obedecerem os genios e virem-lhe crear na solidão palacios deslumbrantes, sem pensarem que só elle possuia a lampada de Aladino, a lampada maravilhosa — o genio!

Dormes emfim, rodeado dos respeitos da França, ó trabalhador infatigavel! Já não enche o mundo a tua voz potente, mas começou para ti a justiça, para os filhos da tua imaginação a immortalidade. Hão de passar as gerações, e sempre as ha de enfeitiçar a tua palavra, e hão de se debruçar enlevadas sobre a tua obra immensa, para verem passar o audacioso d'Artagnan, o cavalheiresco Athos, o elegante Aramis, o bom e ingenuo Porthos, para escutarem os rugidos da paixão de Antony, como hoje nós escutamos com enlevo as supplicas de Priamo, os bramidos de Othello, e o arrulhar de Julieta.

PINHEIRO CHAGAS.

IDEAL!

Aquella côrte começára em S. Carlos, na primeira noite do *Rei de Lahore*.

Elle entrára no theatro muito seccado; tudo concorrera n'aquelle

O CONVALESCENTE (Copia d'um quadro de F. Schlinger)

LUCTA DESEGUAL

Quadro de Hans Dahl—Gravura de Paulo Krey

A SUA MUSICA PREDILECTA (Quadro de L. Kühn)

estupido dia para atormental-o: logo ao sair de casa, ao voltar a esquina, esbarrára com um corcunda; encontrara seis massadores enfiados uns nos outros, sem lhes poder fugir; o jantar do Central parecera-lhe detestavel, o vinho azedo, as ostras verdes, a carne azul; o Vasconcellos, o seu Cabrion, pedira-lhe dez libras emprestadas, e, para cumulo de desventuras, o *Rabiante*, um soberbo animal, um exemplar raro, comprado em Inglaterra no espolio de um lord, que se suicidára no Monte Branco, o cavallo predestinado para conquistar, no dia immediato, no Hippodromo, o *grand prix*, adoecera com uma dôr!

Tinham-se cantado dois actos quando elle entrou cabisbaixo, pallido e glacial como a camelia que lhe estrellava a casaca: o theatro vinha abaixo com a vibração das palmas, e o Devoyod, risonho, agradecia, em quanto no bastidor a cabeça, côr de vinho de Sauterne, da belga, mulher do barytono, oscillava, como um pendulo, mais ou menos accelerado, á medida que os applausos eram mais ou menos expansivos.

—Anda d'ahi, homem, pareces-me um cypreste embainhado pelo Keil! Vou apresentar-te á viscondessinha, aquella loira com quem tu sympathisaste no *five ó clock* da marqueza. Ella deseja conversar comtigo.

No entre-acto, o camarote da viscondessinha encheu-se, desfilando a pittoresca procissão de sujeitos hirtos, com monoculos atrevidos, peitilhos insolentes e sapatos bicudos.

No fundo escarlate do camarote a linha vaporosa e branca, de uma fragilidade quebradiça, do perfil da viscondessa, esvaia-se subtilmente.

Contavam-se cousas graciosas, finas, espiritualisantes, de uma delicadeza ideal ácerca d'aquella mulher.

Quando, por acaso, se alludia, na sua presença, a essa grosseira materialidade, que se chama comer, a viscondessa citava o seu *menu* predilecto,—folhas de rosas.

Nos bailes, em quanto as outras mulheres atacavam os buffetes, repousando das fadigas da walsa na plenitude da sandwiche, regada a Champagne e Madeira, a viscondessinha escondia-se nas dobras dos reposteiros, intangivel como uma visão, e comia petalas de camelias.

A sua conversa, ligeiramente melancolica, exhalava a fragancia de um poema.

As visitas surprehendiam-a chorando convulsivamente em cima dos *Nocturnos* de Chopin, que voavam do piano, sob a pressão nervosa dos seus dedos agudos, como aves dilaceradas.

Foi por isso que elle a amou.

Fatigado dos rudes contactos burguezes, refrescou-lhe a alma o aspecto d'aquella flôr de neve, desabrochando na região do sonho.

Logo no primeiro encontro, estabeleceu-se entre ambos uma intimidade deliciosa, cheia de afinidades encantadoras.

Elle referiu-lhe as suas maguas, e ella teve a bondade de interessar-se pela perna manca do *Rabiante*, declarando que não iria as corridas.

Reuniam-se ás quintas-feiras, no *five ó clock* da marqueza, e durante a meia hora em que o enxame garrulo das amigas, escoltado pela ala dos namorados gulotões, cravava os dentinhos gulosos nas *tartines* loiras e nos biscoitos de baunilha, elles, de parte, encostados no peitoril do verandah, que abria para o jardim, contemplavam-se, embebidos em mutuo enlevo, concentrados em um silencio onde poderia ouvir-se o pulsar dos seus dois corações.

Elle, um pouco menos ethereo, ousava, ás vezes, fallar de amor, pegar-lhe na mão, modelada em marmore, e depôr no setim da epiderme, impregnada de *white rose*, um longo beijo apaixonado.

Ella, porém, com um gesto supplicante, pedia-lhe que se calasse, e cravando os olhos no ceo, abandonava-se a um scismar dolente, onde se sentia o pudor de uma alma que se retrahe...

Habituado a viver na atmosphera d'aquella mulher superior, cujos pequeninos pés pareciam caminhar sobre nuvens; encantado com a novidade d'aquelle ser perfeito, immaterial, inaccessivel ás fragilidades do barro; sentindo a paixão crescer á medida que as difficuldades se multiplicavam, Jorge olhava para as outras mulheres, incluindo a prima, que seus paes lhe destinavam para esposa, com o desdem altivo de um mortal amado por uma deusa.

Duas ou tres vezes, nos jantares onde se encontravam, assentados ao lado um do outro, como dois noivos, Jorge, na dilatação feliz de uma perdiz truffada, que lhe lisongeava o paladar, e no contacto doce de um ente amado, instava com a viscondessinha, para que ella quebrasse a abstinencia que se impozéra, offerecendo-lhe azas de pombo e calices de Lacrima Christi.

Um olhar severo e accusador (unica resposta) chamava o transviado á realidade da situação.

E, em quanto os copos se chocavam, os crystaes ostentavam o brilho ardente dos vinhos, as pratas foscas e as porcellanas transparentes exhalavam o vapor morno da comida, aguçando o appetite e afagando o olfacto, a viscondessinha, radiante na sua olympica isenção, chupava uma violeta ou trincava uma rosa.

Uma tarde, ao regressar do palacio da viscondessinha, vibrando sob a commoção, doce e pungente, em que o deixára uma deliciosa hora passada aos seus pés, encontrou em casa uma carta do pae.

O velho, um honrado morgado beirão, inflexivel em pontos de honra, habituado a não transgredir, por caso algum, a palavra empenhada, accusava o filho em termos rispidos, lembrava-lhe os compromissos contrahidos com a prima, descrevia-lhe a dôr da infeliz, e ordenava-lhe que voltasse sem perda de tempo.

Jorge, furioso, arrancado brutalmente do seu paraiso aristocratico para a trivialidade burgueza, allucinado, sem consciencia do que fazia, correu, como doido, a casa da viscondessa.

Sem responder aos creados, que o interrogavam, sem medir a inconveniencia de uma entrada intempestiva, a que faltava um pretexto qualquer admissivel, tendo apenas um unico pensamento, vel-a, fallar-lhe, confiar-lhe o desgosto que o ferira, Jorge atravessava as salas, dirigindo-se arrebatadamente para o *boudoir* da viscondessinha.

De repente, um tinir de copos e talheres feriu-lhe o ouvido: a voz da viscondessinha gritou, vibrando alegremente:

—Depressa! Traze o *rostbeef*, morro de fome!

Jorge, estupefacto, approximou-se, cozeu-se com a parede, ao longo da qual caia o reposteiro, e pela porta, meia aberta, elle viu a Ideal, sustentada a folhas de rosa, devorar uma gallinha, metade de um rostbeef, e uma duzia de pasteis, devidamente afogada em uma garrafa de *Bordeus*

D'alli a um mez o morgado beirão conduzia á egreja o filho prodigo.

GUIOMAR TORREZÃO.

DO ULTIMO ROMANTICO

II

DURANTE A INSOMNIA

Ó somno, ó velho e idolatrado amigo,
Eu choro e soffro; abraça-te commigo,
Vence esta dor, enchuga-me este pranto,
Narcotisa-me e torna-me inconsciente,
Deixa que eu morra provisoriamente
Amortalhado no teu negro manto.

Na minha occulta magua eu te bemdigo,
Ó somno, ó velho e idolatrado amigo.

Como eu detesto a sociedade e o mundo,
Este oceano de trevas tão profundo,
Onde ha naufragios lugubres, secretos,
Eterno carnaval de gargalhadas,
Em que as caveiras andam mascaradas
N'uma dança macabra de esqueletos!

Entre os miasmas d'este charco immundo,
Como eu detesto a sociedade e o mundo!

Alegrias, chimeras mentirosas,
Seccae e desfolhae-vos como as rosas
Aos beijos quentes das manhãs de agosto;
Thuribulos doirados, onde o lume
Nos extingue das creanças o perfume,
Que se evola entre as nuvens do sol posto,

Parti, voae, ó futeis mariposas,
Alegrias, chimeras mentirosas!

Morrer, resuscitar—o somno é isto!—
Na cruz pregado adormeceu o Christo;
Quero dormir pregado no meu lenho:
Eu sinto horriveis agonias na alma,
Tenho a séde e o calor que não se acalma
E o desalento sabe Deus se o tenho!

Quero dormir no meu calvario, ó Christo,
Morrer, resuscitar—o somno é isto!—

Quero dormir, quero gozar, ó somno;
Lança-me o corpo vil ao abandono,
Descança para ahi, pobre animal,
E deixa que a minha alma—ave sombria—
Entorne pelo espaço a nostalgia
Do azul, n'um canto alegre e matinal...

Vêm perto os dias lividos do outono,
Quero dormir, quero gozar, ó somno!

Quero voltar atraz ao meu passado,
Correr no campo alegre e descuidado,
Sentir no rosto os beijos da manhã,
E, ao fresco som das rusticas cantigas,
Esmaltar de papoulas e de espigas
A cabeça infantil de minha irmã.

Ó somno, ó velho amigo idolatrado,
Quero voltar atraz ao meu passado.

Eu quero ver a minha mãe rezando,
E meu pae descobrir-se humilde, quando
A sineta do *Angelus* tangia;
Quero ouvir os chocalhos da boiada,
Latir um cão na eira ladrilhada,
E um pastor a cantar a Ave-Maria;

Mas sobre tudo, ó somno venerando,
Eu quero ver a minha mãe rezando!...

Quero sentir essa paixão sincera,
E entre as flores da minha primavera
Beijar aquella que primeiro amei;
Vel-a mais tarde morta, que amargura!
E chorar sobre a sua sepultura
As lagrimas febris que então chorei!..

O' noiva branca e immaculada, espera....
Quero sentir essa paixão sincera!

Ficarei a dormir eternamente
Ao teu lado, visão, se m'o consente
A minha sempre desgraçada sorte;
Dormiremos os dois na mesma cova,
Creanças! eu tão novo e tu tão nova!....
Não ha nada mais doce do que a morte!

Não me acordes, ó mundo impertinente,
Ficarei a dormir eternamente!.......
....
....

Coimbra—Março de 76

MACEDO PAPANÇA—VISCONDE DE MONSARAZ.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Convidamos ainda os amadores de charadas, enygmas e logogriphos a enviarem-nos as suas producções, que gostosamente publicaremos, logo que satisfaçam os necessarios requisitos:—não trazerem versos errados e fazerem-se acompanhar das respectivas soluções.

Todas as composições destinadas a esta secção deverão ser sobrescriptadas a *Tom Pouce,* travessa da Queimada, 35.

O primeiro navegador foi o infante D. Henrique—2—2.
N'esta ilha temos bello peixe—1—1.

G. CAETANO.

LOGOGRIPHO

No campo gosto de ouvil-a
sempre, sempre a murmurar—1—8—5—2
no olhar o goso scintilla
quando se espalha p'lo ar—2—5—8—3—6
Eil-a se ostenta vermelha
entre as folhas do silvado;—6—3—8—5—2
dizem, divina scentelha,
fogo celeste roubado—2—3—8—5
Nas suas aguas d'anil
Florença vejo mirar,—6—5—1—4
e tu, leitora gentil,
Vaes essa deusa adorar—3—8—7—2

Se p'lo teu rosto, algum dia
se accendesse o peito meu,
jubiloso morreria
se do todo fosse o teu.

ESTUDANTE.

PROBLEMA

Tres homens, Pedro, Paulo e André, vão á feira com as suas mulheres. Os nomes d'ellas são Catharina, Martha e Suzanna. Cada uma d'estas seis pessoas compra um certo numero d'objectos, e paga cada um por um numero de tostões egual ao de objectos que compra. Pedro compra 23 objectos mais que Martha, e Paulo 11 mais que Catharina. Cada marido gasta 6$300 mais que sua mulher.

Pergunta-se qual é a mulher de Pedro, de Paulo e de André?

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

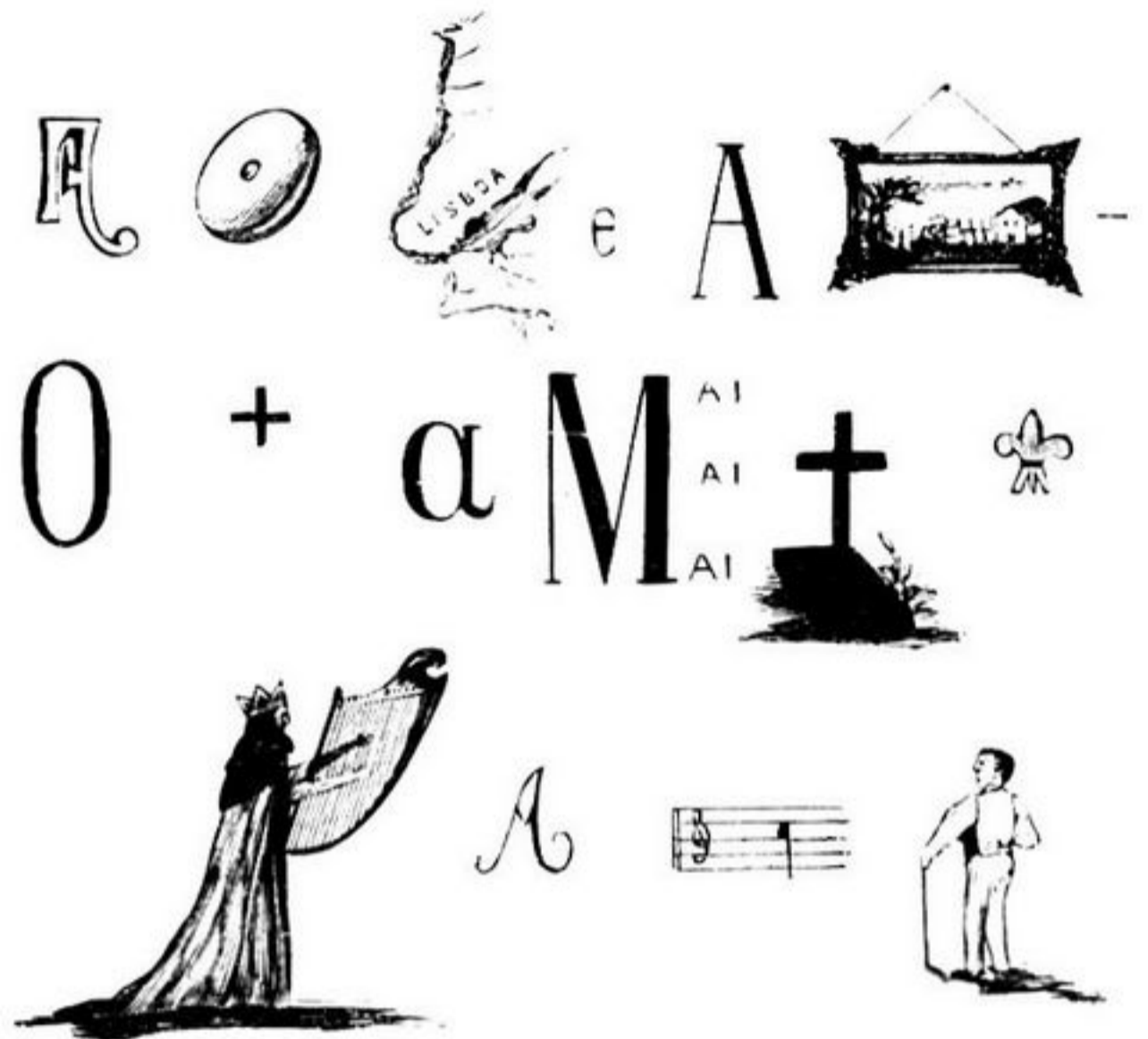
Calino encontra o sr. Pancracio e diz-lhe:

—Fiquei muito espantado de o não ter visto, ha dois dias, no enterro do commendador Barradas!

—Meu caro, responde-lhe Pancracio, é que eu adoptei como principio inalteravel ir só aos enterros das pessoas que vierem ao meu.

UM DOMINÓ.

ENYGMA PITTORESCO

N.º 3

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª — Maria
2.ª — Docemente
3.ª — Capote
4.ª —

m	a	i	a
a	r	e	z
i	e	n	a
a	z	a	r

Do logogripho:—Calypso.

Dos problemas:

1.º—Seja 145 o numero fixado e 6 o subtrahido. Sujeitando estes dois numeros á serie d'operações indicadas no problema, acha-se sem difficuldade 9 (145—6)+145=10(145—6)+6. O resultado 1396 obtido n'este caso tem, pois, 6 unidades e 145—6 dezenas. Conclue-se d'aqui, immediatamente, que o numero subtrahido é o algarismo das unidades do resultado final, e que, juntando as unidades d'este numero com as suas dezenas, acha-se o numero fixado, por que 145—6+6=145.

2.º—Tinha 7 annos.

Do enygma n.º 2:— Nunca contes o que nunca viste.

Xadrez—Solução do 1.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. B. 5 D.	1. R. 6 R. ou 6 C. ou A
2. C. 3 Ch. R.	2. R. joga
3. D. 2 T. R. ou 5 R.	3. R. joga
4. D. ou B. cheque e mate	

A.

2. C. 7 B. R.	1. R. 4 B. ou 4 C.
3. D. 8 C. R. cheque	2. R. 5 C.
4. D. cheque e mate	3. R. joga

Muitas variantes

AS NOSSAS GRAVURAS

NO PARQUE HA CEM ANNOS

(Quadro de J. F. Henninga)

Ha cem annos!

Como n'aquelles bellos tempos da gavota e dos romances de cavallaria tudo era grandioso e esplendido, as festas da realeza, os saraus do grande mundo, os bailes da côrte onde se exhibiam prodigios de luxo e assombros d'etiqueta palaciana, até mesmo as scenas d'amor representadas sob a verdura dos jardins ou nos *boudoirs* perfumados e elegantissimos das damas d'elite!

O modernismo pelintra deu cabo de todas essas maravilhas do seculo passado, substituiu por umas roupagens estupidamente singelas as esplendorosas *toilettes* d'esse tempo, rico de lendas encantadoras, em que o calção e meia fazia as delicias dos nossos avós, em que as casacas de velludo bem talhadas, as rendas caras e finas e os penteados gigantescos eram o enlevo da *haute gomme*, nas salas opulentas.

A nossa gravura representa um delicioso parque d'essa epoca, reproduz uma scena formosissima do seculo a que nos referimos.

O grande mundo passeia á sombra do arvoredo. Ha requebros e galanteios, palestras adoraveis, entrevistas aprazadas... o que não podemos dizer é se fallavam de politica. Talvez!

O CONVALESCENTE

(Copia d'um quadro de F. Schlinger)

A doença foi terrivel e teve o bello rapazinho da nossa estampa entre a vida e a morte, calcinando-lhe os labios com febres prolongadas e intensas.

Na alcova do doente fizera-se o silencio dos cemiterios, cortado de quando em quando pelo choro convulsivo dos paes e dos irmãosinhos angustiados.

Um dia, inopinadamente, a doença fez crise; os delirios da febre converteram-se n'um somno placido, e a boa criancinha recuperou de novo os seus alegres sorrisos de outr'ora.

Por isso, em casa, ha festa permanente, de que elle é o heroe. Os irmãos e os amiguinhos mais intimos desentranham-se, á porfia, em caricias e affagos. O filho do commendador Trigueiros vem todas as tardes acompanhar o convalescente, e arranha modinhas na viola, para o distrahir. As pequenitas fazem roda, contando historias e trazendo o melhor da sua bonecragem para junto do leito.

Como não ha festa sem licor e bolos, a Laurinha encarrega-se de ir pedir á velha governante uma boa provisão de golodices, e lá vem, pelo quarto dentro, ajoujada com o farnel dos alegres festeiros.

Os paes não querem vir perturbar os jubilos da infantil patuscada, e reservam-se para apparecer depois do banquete.

A SUA MUSICA PREDILECTA

(Quadro de L. Kühn)

Sempre que a mais velha das netas canta, ao piano, aquella doce canção commovedora e apaixonada, o pobre do avô cae n'uma tristeza profunda.

Era a suave melodia que a filha cantava outr'ora, e que serviu para embalar mil vezes, no berço, a gentil tocadora de hoje.

Essa boa filha morreu. O triste velho ficou para ali, ermo do seu affecto, e se não fossem os carinhos das duas netas, dois anjos em cujos formosos rostos se reflecte a adoravel meiguice da morta estremecida, teria deixado de existir, tambem, acompanhando-a na paz do tumulo.

Felizmente, ellas ficaram a amparar-lhe a velhice com os seus sorrisos ternos e as suas caricias angelicas. Mas, quando a mais velha lhe repete a musica predilecta, pelas suas faces rugosas deslizam suavemente duas lagrimas de saudade.

LUCTA DESEGUAL

(Quadro de Hans Dahl—Gravura de Paulo Krey)

Elle é apenas um, vê-se isolado, está entregue aos seus proprios recursos. Ellas são tres valentes tricanas, vivas como demonios, tendo as audacias e os arrebatamentos da mocidade em flôr. Por isso a lucta se nos afigura desegual, embora o nosso rapazote disponha da agilidade e da força muscular que caracterisam o sexo feio.

Mas, tambem, para que foi elle desafiar com ditinhos picantes e atacar com baldas certas as suas tres encantadoras inimigas, provocando aquella *revanche* cruel?

Agora, lá se avenha como puder na refrega. Já partio um remo; um dos sóccos balouça nas aguas, junto do bote prestes a afundar-se; os calções rasgaram-se-lhe pelo joelho, e a corda que as gentis tricanas colhem com força feriu-lhe as mãos e o pescoço.

Ellas, vendo-se victoriosas, soltam gargalhadas estridulas e vibrantes.

O que lhe valerá, talvez, é ter pelo seu lado, a pedir indulgencia ás companheiras, aquella outra rapariguinha que se distanciou do grupo revoltoso, e que nos mostra, n'um sorriso ingenuo e bom, os seus pequeninos dentes brancos como perolas.

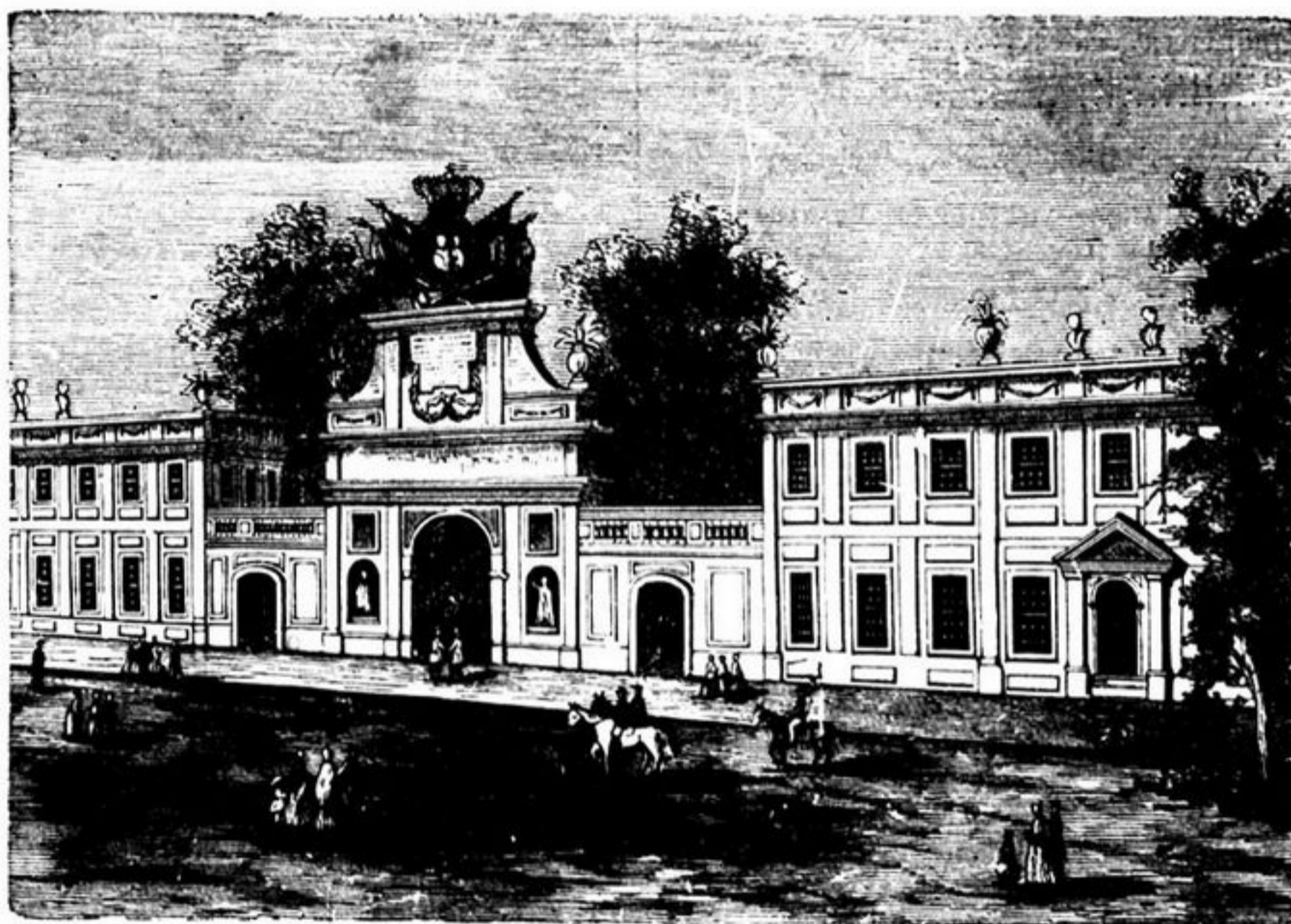
Se não fosse ella...

PALACIO DE SETEAES EM CINTRA

Quem foi a Collares, conhece-o decerto. Fica no dorso da serra, á sahida da formosa Cintra, entre a estrada dos Pisões e a quinta da Penha Verde. Assenta n'um terreno que foi logradoiro publico. Nos dias santificados, pela tarde, era ali que ia recrear-se, em tempos, a população dos arredores. Toda a gente despertava os seus echos, proferindo o «ai» tradiccional sete vezes repetido,—segundo a lenda—de que se originou a palavra «Seteaes».

A 31 d'agosto de 1808 assignou-se no palacio a chamada Convenção de Cintra, em virtude da qual evacuou o reino o exercito francez commandado por Junot.

Aquella formosa vivenda pertence hoje ao duque de Loulé, tendo sido propriedade da duqueza de Lafões, D. Anna Maria de Bragança Sousa Ligne.

C. D.

PALACIO DE SETEAES EM CINTRA

UM CONSELHO POR SEMANA

Os objectos de *toilette*, taes como pentes, esponjas e escovas, carecem de grandes cuidados sob o ponto de vista do aceio e da hygiene.

Para limpar os pentes, basta deitar, n'um vaso com agua fria, uma colher de sopa cheia de soda, mergulhal-os depois no liquido e esfregal-os muito bem, com um panno ou com uma pequenina escova apropriada.

Quanto ás escovas, se não são novas, póde empregar-se para com ellas o systema que deixamos prescripto para a limpeza dos pentes. Se, porém, forem novas e não se quizer despolil-as ou alterar-lhes o marfim, basta deitar-lhes sobre os pellos uma pequena porção de pó d'amido e friccional-os com uma boneca de papel até estarem perfeitamente limpos.

Recommendamos ás leitoras este systema para todo o genero de escovas.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..........	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa